



**IAN CARRIÇO ZANOLI**

**EDUCAÇÃO MUSICAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**LAVRAS-MG  
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras,  
como parte das exigências do curso de Pedagogia, para a obtenção do título de  
Licenciado.

PROF. DR. CARLOS BETLINSKI  
Orientador

**LAVRAS – MG**  
**2020**

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>p. 1</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>p. 1</b>
<b>O que é musicalizar? .....</b>	<b>p.3</b>
<b>Impactos da indústria cultural e a regressão da audição.....</b>	<b>p.4</b>
<b>O que diz a legislação sobre o uso de música.....</b>	<b>p.8</b>
<b>Música e o desenvolvimento cognitivo.....</b>	<b>p.9</b>
<b>Música como instrumento pedagógico na aprendizagem da criança.....</b>	<b>p.11</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>p.13</b>
<b>Referências .....</b>	<b>p.14</b>

## **Resumo**

Neste Trabalho procuro analisar e problematizar alguns conceitos em torno do uso atual de educação musical presente no ensino fundamental. Nesse sentido, objetivo problematizar o atual uso de música no ensino fundamental e destaco também compreender os benefícios da música para o desenvolvimento intelectual da criança. Como metodologia, de teor qualitativo, busco trazer uma base teórica de conceitos como indústria cultural, regressão da audição e sensação, construindo uma análise para refletir sobre possíveis estratégias de mediação da música, que podem resultar em novas práticas e metodologias para o Ensino Fundamental. Assim, concluo a discussão tratando sobre os bens do emprego da música vista como instrumento didático-pedagógico no ensino para crianças e sugestões de levantamento de dados enriquecedores com grande potencial para próximas pesquisas.

**Palavras-Chave:** Musicalização, Indústria Cultural, Educação Básica, Ensino Fundamental, Prática Pedagógica.

## **Introdução**

A presença da música ao longo da história da humanidade é incontestável. Quem nunca se emocionou ao ouvir sua música preferida, ou já sentiu saudades ao ouvir uma música que fez parte de algum momento no passado, ou que talvez lembre alguém querido? Podemos dizer que ela faz parte de nossas culturas, e está presente em praticamente todas as esferas da sociedade, o que a torna de certo modo uma linguagem universal. E, como linguagem, podemos então entendê-la como um importante recurso para auxiliar no campo educativo.

Porém, ainda é perceptível que existe certa dificuldade em se trabalhar com música na educação básica. Mas, quais seriam então as formas de se trabalhar a música para melhor contribuir na qualidade do ensino e na aprendizagem das crianças? Tais perguntas surgem em meio a percepção de que a música se guarda de um potencial para atrair e trabalhar na criança a autoestima, a corporeidade, o lúdico e a criatividade.

A música tem o poder de tornar o ensino e a aprendizagem mais prazerosos e convidativos. Por ser um dos componentes que fazem parte da arte, a música tem forte poder de afetividade quando ouvida. Sendo assim, considerar a música como uma estratégia pedagógica é de extrema importância tanto para o desenvolvimento das atividades em sala como também para o desenvolvimento das funções afetivas, cognitivas, motoras e de convívio social.

Deste modo, se faz necessário conhecer a potencialidade do ensino de música no desenvolvimento humano, reconhecendo todos os níveis de entendimento da música como linguagem. E para que fique claro, é de suma importância que se reflita e se planeje melhor

novas práticas para que a educação musical não continue sendo apenas um conteúdo aleatório no currículo escolar. E se conseguirmos tal realização, daremos importantes passos para que, em breve, a sociedade se torne mais crítica e consciente sobre os produtos artísticos que possui, podendo então, refletir em razão de questões críticas, sociais, políticas e humanas.

Atualmente, a cultura das massas incentiva mesmo que subjetivamente as crianças a se tornarem adultos precoces, pois apelam também para a sexualidade, a violência e o machismo, como se pode notar em determinadas letras do gênero do Funk Carioca, por exemplo, que conta com uma vasta gama de músicas com letras de baixo calão, que inferiorizam e objetificam a mulher (machismo), faz apologia à pedofilia, utilizando-se de jargões como “novinha”, que, no contexto brasileiro, se remete a menina de pouca idade, com alta probabilidade em ser menor de idade, ou faça apologia a drogas, armas, e ilicitudes em geral. E neste ponto, não consigo notar que a escola luta contra este tipo de banalização, porque não se atenta a trabalhar as pluralidades do universo da música com as crianças para contrapor a ação da indústria cultural, assim, acabando então por reforçar tais valores impostos pela cultura de massas.

Vale lembrar também que não necessariamente um estilo musical leve como regra obrigatória tais práticas como as exemplificadas do Funk Carioca, assim também como o mesmo estilo não seja totalmente regrado por tais práticas. É importante que não se generalize os aspectos negativos relacionados aos estilos musicais, pois caso contrário, estaríamos nós mesmos, profissionais da educação, praticando preconceito contra determinados estilos ou culturas.

O problema é que, com esta imposição desenfreada por parte da mídia, as crianças e jovens tornam-se cada vez mais precoces, o que pode afetar também a própria escola, que não consegue lidar com as novas e diferentes situações das atuais gerações que estão surgindo.

Creio que um primeiro passo para se contrapor a estes problemas é trabalhar com as crianças, músicas e conteúdo que façam parte de sua realidade infantil, como CD's e DVD's sobre cantigas de roda, que além de fazer parte da cultura dos que já são adultos, sempre continuará também fazendo parte do universo infantil.

A música tem um alto poder de afetar os sentimentos e as emoções de quem a ouve. Assim, a criança ao ouvi-la, tende a estar em harmonia com sua vivência musical, seja em desenhos, ou, no melhor das hipóteses, na própria escola. Tanto as práticas de musicalização quanto as práticas de canto trazem aprimoramentos para a aprendizagem pessoal, por isso deveriam ser mais exploradas em sala de aula.

Afirma-se que canto também desenvolve a aprendizagem e contribui com as relações sociais, na assimilação de novos conceitos e descoberta do mundo. Tanto como

recurso didático quanto nas horas de lazer, cantar pode ser um meio para desenvolver a compreensão, a memorização e o expressar emocional. Além disso, o canto também pode ser usado como instrumento para lidar melhor com as emoções e relações sociais.

Assim sendo, ao longo desta leitura, pretendo abordar os conceitos que nos trarão base para um melhor entendimento acerca de toda esta complexa esfera que trata sobre a música e sua relação com a sociedade.

### **O que é musicalizar?**

O sentido de musicalizar pode ser entendido como um ato que proporciona à criança o desenvolvimento de seus sentidos relacionados à música. Tal processo tem a missão de trabalhar a sensibilidade da criança, expandindo os horizontes sonoros. Considerando também que o objetivo principal da musicalização é desenvolver a musicalidade já existente na criança, pois considera-se que, como a música esta atrelada à cultura desde os primórdios da humanidade, a criança já possui algum vínculo com a música desde que nasce.

Logo, não se pode considerar que a música seja vista apenas como auxiliar de outras áreas de conhecimento. O mais conveniente, é que tal processo de musicalização deva acontecer na escola, pois, em posição de instituição formadora de cultura (além de outras infinitas missões), é ela quem poderá propor tal conhecimento com maior maestria e aplicabilidade. Assim, também é papel da escola produzir as aulas de música e dar a devida manutenção para que estas aconteçam, desde a compra de instrumentos até um local favorável para as aulas. Mas, numa escola pública fica evidente que nem sempre isso será possível. O ideal é que haja uma sala reservada para essas aulas, onde podem ser guardados os materiais e instrumentos, e que seja espaçosa e tenha boas condições para que não interfiram ou incomodem outros lugares da escola.

De acordo com Snyders (1994), a escola deve proporcionar, além de preparação para o futuro, alegria para o presente, e esse é um dos papéis da música na escola. O autor nos traz a ideia de um ensino de música para jovens, afirmando a necessidade de um conhecimento musical prévio, de preferência que os alunos já toquem algum instrumento. Este conhecimento prévio explicitado pelo autor pode ser adquirido já na educação infantil. Onde os alunos podem construir uma base para que aprendam a tocar algum instrumento musical.

É na educação infantil que, para aprender antes a tocar um instrumento, a criança tenha as primeiras noções de ritmo, altura, timbre, entre outros para aprendizado de um

instrumento musical. Snyders (1994) considera também que, ao se referir a alunos que já tenham conhecimentos musicais prévios, pode-se favorecer com maior amplitude o elitismo, pois a maioria das escolas públicas e da população menos favorecida não tem condições de comprar tais instrumentos. Uma das soluções seria investir na musicalização durante a educação infantil, em escolas públicas e privadas, para permitir que todos tenham acesso a este conteúdo e amenizarmos o problema do elitismo que pode afastar alguns alunos da música, acreditando que tal conteúdo é para poucos.

Assim, o processo de se ensinar música não deve se restringir apenas a ideia de que para aprender música, o indivíduo precise portar um “dom” para que consiga tocar e/ou no mínimo, ter um breve contato com algum instrumento. Como um mito, tal pensamento cai por terra no momento em que se percebe que a música deva funcionar como um instrumento didático-pedagógico, vista como uma ferramenta de linguagem artística para aqueles que não tem tal senso aprimorado. Para além desta percepção, o ensino de música entendido como uma linguagem cultural e expressiva deve trabalhar para que seus valores sejam compreensíveis não só por músicos, mas pela sociedade em geral.

Por fim, a música tem como proposta aprofundar o conhecimento já existente sobre música, quanto também trabalhar o desconhecido. E nessa relação de conhecido/desconhecido tentar dar novos significados à música como arte. Deve-se acabar com o mito de que a música é destinada apenas aos mais intelectuais, pois, segundo Almeida (2001), se pensarmos que a música se define apenas em instrumentos e partituras, a música pode-se distanciar muito de nossa realidade, contudo, não se pode esquecer que já possuímos um instrumento gratuito em nosso corpo, a nossa voz, e podemos usá-la para cantar.

### **Impactos da indústria cultural e a regressão da audição**

A princípio, Adorno (1986) define a música em dois tipos: A música séria e a música ligeira. Para melhor compreensão, música séria procura dar sentido à música que é feita para durar, e a música ligeira, a música produzida para rápida absorção e como característica própria, rápida disseminação com subsequência de uma rápida duração em uma cultura.

Hoje, os hábitos de audição das massas gravitam em torno do reconhecimento. Música popular e sua respectiva promoção estão orientadas para a criação desse hábito. O princípio básico subjacente a isso é o que basta para repetir algo até torná-lo reconhecível para que ele se torne aceito. Isso serve tanto à standardização do material quanto à sua promoção. O que se faz necessário para entender as razões da

popularidade do tipo corrente de música *hit* é a análise teórica dos processos envolvidos na transformação da repetição em reconhecimento, e do reconhecimento em aceitação. (ADORNO, 1986, p.130).

No sentido contrário da música séria, a música “ligeira” conta com o auxílio do efeito de padronização dado pela indústria que a produz, tal padronização tem o poder de reduzir os elementos estéticos contidos em um material que poderia ser música séria, o que resulta em uma rápida assimilação do ouvinte perante a música ligeira e, possui fácil entendimento de sua letra e melodia que é absorvida de forma rápida, o que resulta em um tipo de música feita para se ouvir em uma festa, onde a última coisa a ser notada é a própria música, que toca ao fundo, e que objetivamente não é notada por que é produzida para tal finalidade, preencher o silêncio em um lugar onde existe uma multidão de pessoas, que conseqüentemente não darão a mínima para o lado artístico impregnado na canção que toca ao fundo.

A Indústria cultural por sua vez, explora a memória musical pareando imagem à música, para fazer uso também da memória imagética como nos clipes, trilhas sonoras, filmes e sucessos ou *singles* de cantores que possuem um grande poder de imagem, ligando a música ao ícone que a interpreta. Roupas, danças, coreografias e aparatos de imagem integram cada vez mais os produtos musicais. Neste sentido, os vídeos e os canais musicais nas redes de *streaming* e *youtube* se sobressaem, pois contém a imagem ligada a música em sua maioria de material disponível nestes locais.

Para garantir a efetividade da produção de música para os *meios de massa*, a indústria cultural usa a repetição, que faz parte do processo de padronização e a usa para tornar reconhecido o padrão que se configura num modo de produção musical que Adorno se refere como procedimento protocolar.

Outro ponto que esta discussão também nos remete, se refere à *regressão da audição*, ou seja, a diminuição da capacidade de ouvir. A pessoa que tem um “ouvido regredido”, consegue perceber apenas determinados padrões musicais (geralmente a tendência é o costume de ouvir apenas o que está na moda), se tornando incapaz de ouvir músicas com letras e harmonias mais complexas, ou diferente das que está habituada.

Segundo ADORNO (1996):

O que regrediu e permaneceu num estado infantil foi a audição moderna. Os ouvintes perdem com a liberdade de escolha e com a responsabilidade não somente a capacidade para um conhecimento consciente da música – que sempre constitui prerrogativa de pequenos grupos – mas negam como pertinência a própria possibilidade de se chegar a um tal conhecimento. Flutuam entre o amplo

esquecimento e o repentino reconhecimento, que logo desaparece de novo no esquecimento.

Cabe lembrar é que quando Adorno se refere a uma regressão auditiva, ele não quis dizer que houvesse praticamente uma regressão nos ouvidos das pessoas. O que ele quer dizer é que houve uma regressão dos padrões de gosto pela música como modo de escolha. Sendo assim, nota-se que a produção de músicas de mercadoria e o notável consumo pelo público acontece pela publicidade, pois, segundo Adorno: “A audição regressiva relaciona-se manifestamente com a produção, através do mecanismo de difusão, o que acontece precisamente mediante a propaganda”.

O filósofo Christoph Türcke em seu livro *A Sociedade Excitada: Filosofia da sensação* (2010) aborda inúmeros pensamentos e reflexões acerca do significado e importância das notícias desde a criação dos veículos midiáticos e a propagação da sensação destes até os dias atuais. Partiremos do uso da ideia de Türcke, que se refere à notícia para exemplificar os métodos abordados pela mídia para atrair e controlar o indivíduo, para tratar sobre o mesmo olhar, a indústria cultural no quesito musical.

Segundo Türcke, a notícia é, desde a sua origem nos rádios e jornais há décadas passadas, pensada, filtrada e escolhida a dedo para que tenha relevância para a *res pública*, do latim coisa pública. Mas, acontecimentos considerados banais ou sem importância para a sociedade como a morte do vizinho da rua ou o atropelamento de um cavalo no bairro ao lado não podem ser considerados importantes para a sociedade, não se consideram um interesse da *res pública*. O problema segundo Türcke é a inversão deste entendimento, fazendo com que a população seja bombardeada de notícias de morte, roubos, assaltos, e acontecimentos caóticos no lugar de fatos que realmente se façam necessários a veiculação. Transformando a antiga lei de base da lógica da notícia, conduzindo a sua própria inversão: “A ser comunicado, porque importante” superpondo-se para “Importante, porque comunicado” (TURCKE, 2010, p. 17).

Considerando o passar dos anos e a evolução da tecnologia e dos meios de informação, do rádio e jornal aos computadores e smartphones com acesso à internet, os veículos de informação também se adaptaram aos métodos de abordagem ao público. O termo *News* usado nos jornais ingleses refere-se especificamente às notícias novas, de hoje, se um fato passa a ser de ontem, não é mais novo, não merecendo então a atenção de ser veiculada, levando em consideração, é claro, o peso e a gravidade da notícia. Ainda devemos considerar a evolução e a transformação dos meios simples de mídia em grandes empresas de

comunicação e informação. Turcke chama de “Alta pressão de notícias”, o cenário resultado da disputa dos grandes veículos de informação para nos trazer a mais fresca notícia.

Partindo das reflexões que Turcke promove, entende-se que a grande massa de notícias veiculadas nos meios de informação tem, em si, muita influência e peso na formação de consciência e opinião de quem é atingido pelas notícias. E, levando em conta o percentual de faixa etária dos usuários que acessam a internet hoje em dia, por meio de uma breve pesquisa, observa-se que a maioria são pré-adolescentes, adolescentes e adultos. Desse modo, percebe-se que a formação de conceitos e pensamentos podem ser influenciados pela mídia.

A manipulação midiática pode ocorrer por diversas formas e por diversos motivos e interesses, sejam estes políticos, empresariais, ou sistemático-globalizantes. Tendo como objetivo, formar a opinião de seu público, ou, a grande massa, de acordo com os interesses das instituições citadas a pouco; Utilizando do conteúdo de noticiários ou até mesmo fictício como novelas, seriados, e programas que geralmente evidenciam uma causa ou tema atual.

O perigoso ato de inocência que a sociedade comete, é acreditar que uma emissora de televisão promove ou produz determinado conteúdo importando-se de fato com a causa que o conteúdo remete. Quando na verdade, tudo que se almeja é a promoção da audiência pela sensação, proposta por Turcke. Esta sensação refere-se não ao significado de sentimento (sentir), mas a alusão do sensacionalismo.

Ou seja, programas e novelas que hoje se remetem a exposição como causas de grupos de lutas sociais e, aparentemente causam a ilusão de que também estão engajados na causa, estão fazendo apenas o movimento da promoção desta sensação (sensacionalismo), pois, a intenção da indústria midiática segundo Turcke, não é buscar engajamento em alguma causa de grupos sociais, mas sim, adequar-se a onda do atual, do assunto que está na moda, que, por mais que seja passageiro, acaba por abrir espaço para que a mídia possa conquistar o espectador. Nesta mesma lógica, se adentra a indústria cultural, que segue a mesma lógica do sentido da palavra sensação para o comércio de determinada cultura. E que busca levar ao público, tudo o que se entende por novidade, por estar na moda atual, mesmo que o conteúdo levado seja de nível intelectual empobrecedor.

Metaforicamente, pressupomos então, que, a indústria cultural e midiática se assemelha à água, que consegue se moldar e tomar novas formas sempre que necessário para seguir o fluxo e se encaixar nos novos padrões, e por mais irônico que pareça, quanto mais tempo o fluxo dessa água estiver em contato com algo sólido, aos poucos, o que é sólido também irá tomar novas formas.

Sempre que surgir então um novo tipo de público, vide expressões atreladas a um novo tipo de público como *Pink Money* e *Black Money*, a indústria produzirá material suficiente para que este público se sinta acolhido, e por fim, adentre no consumo do material produzido.

Neste contexto, o papel de políticas educacionais e ações de novas práticas, metodologias e recursos didáticos para melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem dos/as estudantes sobre música, se fazem extremamente necessárias ao tratar de música na educação básica, fazendo-se necessário a consulta em alguns documentos que reforçam a importância da prática de musicalidade na educação.

### **O que diz a legislação sobre o ensino de música**

Em 1997, foi elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), onde o objetivo visa auxiliar a prática do professor em sala de aula, e que contribui para que as crianças se tornem cidadãos emancipados, reconhecidos e conscientes de seu papel em sociedade (PCN's, 1997). Em 2008 foi regulamentada a lei Nº 11.769 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

Para que o aprendizado de música seja fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história. (PCN's', 1997. pág. 54.)

A escola tem como objetivo formar cidadãos críticos e transformadores, aptos para lidarem com as situações vividas no seu cotidiano. Deste modo, o papel da música no ambiente escolar tem como objetivo, primeiramente inserir a criança aos elementos musicais como o som e silêncio, ritmo, harmonia, melodia. Tornando fundamental sua importância para que todos os envolvidos possam ter contato com a música e os elementos da musicalização infantil, a fim de fazer uso destes no dia a dia, uma vez que a criança se encontra na fase de desenvolvimento e tomará para si o exemplo de atitude do adulto. Com

isso, professor e aluno podem fazer da sala de aula um ambiente para o aprendizado, sendo muitas vezes o primeiro momento em que a criança entra em contato formal com a música.

Ainda segundo a própria Base Nacional Comum Curricular:

“A Música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade.” (BNCC, 2017. Pág. 196)

Quando em contato com a música, a criança amplia sua percepção e socialização desenvolvendo sua capacidade de concentração e raciocínio, fator importante em todas as fases de sua vida. Espera-se que deste processo cresça o interesse pelo estudo formal da música, considerando que o objetivo da musicalização não será formar músicos profissionais, mas desenvolver a apreciação da mesma.

A linguagem musical no processo pedagógico além de apresentar músicas de diferentes estilos e seus diversos instrumentos, têm como objetivo desenvolver na criança habilidades capazes de influenciar positivamente seu desenvolvimento social. O propósito de se pensar em conteúdos com o uso dos elementos musicais fará com que a criança compreenda os conteúdos trabalhados em sala, o mundo em que vive, e os fenômenos ocorridos ao seu redor.

Nota-se então a necessidade da dinamização tanto na educação em si quanto do professor/a em pensar novas estratégias paralelas as convencionais impostas por determinados currículos para que se tenha como resultado a entrega de uma proposta de ensino e aprendizagem oposta às ideias tradicionais e mercadológicas, não tratando o indivíduo a ser formado como objeto de mão de obra.

Neste ponto, as propostas de estratégias pedagógicas a serem usadas nas escolas podem contar com um grande aliado, a música. Atrelada às atividades diárias de uma classe escolar, a música e seus recursos tem um grande poder na construção do conhecimento, contanto que exista também a mediação feita pelos professores em tais atividades. Além disso, a equipe escolar precisa atualizar seu projeto político pedagógico propondo novas propostas de prática curricular utilizando consigo o poder de transformação que a música pode proporcionar. Mas antes, é necessário que o sistema educacional reconheça a

necessidade destas mudanças que se fazem necessárias para atender os requisitos mínimos de uma sociedade em que não se exija o máximo, de saber apreciar a arte em geral, mas o mínimo, em saber pelo menos reconhecer que determinados aspectos artísticos, assim como a música, tem bons e maus frutos.

### **Música e o desenvolvimento cognitivo**

Podemos perceber a importância que determinado assunto tem para a sociedade, analisando a presença ou não relacionada a este assunto dentro do currículo escolar da mesma. O limitado espaço destinado às artes e conseqüentemente ao ensino de música, revela que estas não fazem parte do objetivo considerado como importante para nossa sociedade.

Atividades que são atreladas ao desenvolvimento intelectual, como processos de raciocínio e lógica, contam com o seu espaço reservado nas salas de aula, logo, entende-se que para estas mesmas escolas, a música é tratada como material lúdico, uma mera atividade de lazer e divertimento, ou ligada a outras metodologias apenas para “auxiliar” em conteúdos de outras matérias, vide músicas para ensinar algum tipo de matéria como matemática, letras do alfabeto e afins.

Mesmo quando ainda bebê na barriga da mãe, a criança já tem influência por parte da música, vista que esta está presente em diversos locais de nossa sociedade, bares, shoppings, e até mesmo em carros na rua, tornando-se então parte do nicho humano. Assim, o vínculo criado com a música e suas interações tornam-se cada vez mais estreitos ao longo dos anos. Tais interações trabalham, de certo modo, mesmo que involuntariamente, sua capacidade auditiva e suas interações no meio em que vive.

Podemos encontrar indícios que apontam que a música tem forte poder de estímulo, e, um indivíduo que recebe tais estímulos musicais tende a aprender muito mais, também aprimorando sua oralidade e sua comunicabilidade. Assim, por volta dos dois anos de idade, o bebê que recebe tais estímulos, terá seu vocabulário expandido. A mesma lógica se aplica também nos anos seguintes, onde a criança já se encontrará dentro da escola.

Para que o cérebro desenvolva todo o seu potencial, são necessários estímulos, agindo diretamente em suas centrais de comunicação. Na infância, em especial, este conjunto de estímulos proporcionam o desenvolvimento das fibras nervosas capazes de ativar o cérebro e dotá-lo de habilidade. Logo, a música empregada em sala de aula, como recurso didático se faz fundamental. Pois, tão logo o aluno ter contato com o mundo da música, o

desenvolver das suas habilidades motoras, afetivas e sociais se aperfeiçoarão, o que facilitará e ampliará sua visão de mundo.

No entanto, a arte serve para se expressar das mais variadas formas, e, no caso da música, estas expressões são feitas através do som. E por serem criadas pelo homem, leva em consideração o local e a cultura de onde são criadas, resultando então no surgimento do que conhecemos por “estilo”, que é o que caracteriza tais diferenças. (PENNA, 1991, p. 20-21). E por ser uma linguagem musical, o que permite que seja estudada e compreendida, desvincula-se então da ideia anterior de que seu estudo possa ser inatingível e subjetivo.

Assim, o processo de se ensinar música não deve se restringir apenas a ideia de que para aprender música, o indivíduo precise portar um “dom” para que consiga tocar e/ou no mínimo, ter um breve contato com algum instrumento. Para além desta percepção, o ensino de música entendido como uma linguagem cultural e expressiva deve trabalhar para que seus valores sejam compreensíveis não só por músicos, neste caso, visto como profissionais, mas também pela sociedade como um todo.

### **Música como instrumento pedagógico na aprendizagem da criança**

Durante o processo de ensino, podemos observar que a criança naturalmente se envolve com a música, ao cantar, dançar e até mesmo criar músicas, porém, se estes gestos não continuam a ser incentivados, o que no caso partiria da escola, tendem desaparecer. Ao chegarem em determinada idade, por volta de 6 a 7 anos, é comum que as crianças comecem a sentir vergonha de se expressar utilizando os sons, pois a escola não os incentiva, e pelo contrário, prioriza o silêncio, o que faz com que as crianças se calem e deixem de se expressar por meio dos sons. Portanto, não se pode considerar que a música torne a criança um ser musical, mas sim que a escola apenas incentive e dê continuidade ao que a criança já sabe fazer.

Assim, o trabalho com música deve ser além de tudo, prazeroso e trabalhado de forma lúdica. Porém, devemos nos atentar para que as crianças não levem as aulas de música apenas como mero divertimento e descontração, o que faria com que elas deixassem de aceitar as mediações do professor. A participação dos alunos também é de fundamental importância para bons resultados neste processo. Os alunos necessitam se sentir envolvidos no trabalho para participar. Deve-se dar incentivo a participação dos alunos desde muito pequenos, visto que mesmo ainda enquanto bebês com menos de dois anos de idade, já são

capazes de distinguir som e silêncio e, ao darmos qualquer instrumento em suas mãos e perguntamos “cadê o som”, pressupõe-se que eles devem tocar o instrumento para ouvirem o som.

Creio que o processo de vínculo com a música deva partir bem cedo, de preferência já na educação infantil, porém, considerando o contexto, a música deve fazer parte da rotina da sala, sendo trabalhada pela professora, em cantigas de roda e outras diversas atividades, visto que não há a necessidade de um profissional de música específico, pois as crianças ainda não teriam capacidade para entender muito bem o sentido profissional da aprendizagem musical. Além de considerar que, mesmo que houvesse um especialista, seria de bom grado que a professora e o especialista trabalhassem em conjunto, podendo formar um trabalho muito mais rico.

É interessante que ao longo da educação infantil, sejam trabalhados os sons corporais, a atenção, e a noção de ritmo e audição acurada. Pode se dar início ao processo com todas as crianças tocando o mesmo instrumento, para que desenvolvam a noção de ritmo. Já para as crianças um pouco maiores, pode se utilizar instrumentos variados e até mesmo com materiais de reciclagem, formando uma bandinha rítmica, onde cada um toca em determinado momento para desenvolver neles o senso rítmico mais apurado. Se faz importante também que todas as crianças toquem em todos os instrumentos, visto que assim poderão conhecer melhor os novos tons e ritmos de cada instrumento. Além da bandinha, existem outras atividades que podem auxiliar no processo, como jogos que podem ser criados sons e gestos, trabalhando a corporeidade.

É importante também ressaltar que deve ser trabalhado diferentes estilos musicais. Tacuchian (1981) afirma que devemos trabalhar com músicas de várias culturas, mas dar sempre prioridade à música que está ligada a cultura local, que é muito rica histórica e culturalmente e faz parte da realidade específica de cada um.

De acordo com Tacuchian (1981), o propósito da educação artística é justamente aproximar a educação da cultura. Vale lembrar que é importante não levar para os alunos músicas que já circulam nos ambientes de propagação midiática de massas, porque tais estilos as crianças já tem fácil acesso em suas próprias casas e quase sempre, tais estilos levam à banalização da cultura. Devemos apresentá-las a músicas diferentes, as quais não teriam contato fora do processo de musicalização. Também para Almeida (2001), a cultura de massas se resulta em uma produção simplista, sem dificuldade de assimilação intelectual, que não requer reflexão.

Nota-se então que vivemos o auge da banalização cultural, ao ver que bons artistas e compositores são desprezados pela mídia, e por outro lado, artistas com músicas sem qualidade e técnica nas produções de seus conteúdos, são exaltados pela mídia, promovendo um grande sucesso e atraindo as massas, incluindo as crianças, que passam a adotar o estilo de tais artistas.

Contudo, não podemos nos restringir apenas e tão somente às músicas infantis, anteriormente falamos que a musicalização produzida pela escola tem como propósito apresentar aos alunos diferentes estilos e gêneros musicais, o que não impede também que seja apresentado a eles trabalhos como música clássica, erudita, músicas instrumentais como exemplo as orquestras e afins. E, considerando que a musicalização na escola não tem como propósito único em formar músicos profissionais a atenção se volta então para trabalhar com a música para que esta sirva de instrumento para a construção da criatividade e da criticidade, visto que, uma vez que as crianças sejam apresentadas a variados gêneros e estilos, poderão assim formar seu próprio gosto musical, diminuindo um pouco a influência que a mídia promove a todo momento.

De acordo com Peixoto (1988), primeiro precisamos ampliar o universo sonoro das crianças, para só depois pensar na grafia musical, o que não caberia à educação infantil, pois, se o foco for dado apenas aos aspectos técnicos ligados ao universo da música, a prática da musicalização pode ser tornar um ato inútil, podendo ser até prejudicial para o desenvolvimento dos alunos, é necessário que se desenvolva antes nos alunos o senso musical, o aprimoramento e a sensibilidade da audição, em alunos que provavelmente não disponham ainda de uma boa bagagem acerca da música, mas que com certeza já possuem capacidade de sentir e apreciar a música.

Por fim, comumente utilizada também para disciplinar, a música ampara na ordem de comportamentos dos alunos, por exemplo, em horas cívicas e atividades de dança que exigem maior controle de grupo. Assim, a música pode se tornar um meio de expressão e um recurso de aprimoramento que é de acesso a todos. Também fortalece o equilíbrio, a autoestima e o autoconhecimento, se integrando facilmente em nossa sociedade.

### **Considerações finais**

Até aqui, vimos desde os princípios e ideais por trás da construção do que chamamos de Indústria cultural, até os resultados de todo este processo que a mesma produz, e que pode ser observado, considerando é claro, as infinitas particularidades de cada escola.

Meu desejo de investigar e tratar sobre o tema da música na escola, além de ser obviamente por que sou músico, também se deve ao fato de que durante alguns estágios proporcionados pelo meu curso (Pedagogia), sendo estes em, Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e Ensino Fundamenta 2, o uso da música em atividades foi bem restrito, tendo maior frequência apenas em Educação Infantil, já nos fundamentais 1 e 2 o uso da música era restrito apenas em datas específicas do calendário, como dia das mães ou dos pais, e afins.

Já nas particularidades de cada aluno, é possível verificar que a realidade do gosto musical dos alunos se resume em dois estilos: o famoso Sertanejo Universitário e o contagiante Funk (seja ele carioca ou não). Quando eu perguntava a alguns alunos o porquê da preferência destes estilos a resposta uniforme era: “Porque é o que todo mundo escuta, e é Top! ”. Mas, o que é ser top? Ao que me parece, ser “top” é agir de acordo com os artistas que estão “em alta” na mídia, termo usado frequentemente nas *playlists* do Youtube, e que coincidentemente pode ser observado que os estilos musicais “em alta” na plataforma são realmente o Funk e o Sertanejo Universitário e às vezes o Rap. E acredito que para mudar tal cenário, ainda que sem condições, realizar aulas de música, mesmo simples como uma fanfarra feita com instrumentos de materiais de fácil acesso, como recicláveis e latas, já seria um grande passo.

Com isso, o trabalho com a educação musical pode realmente ser árduo e de longo prazo, mas nós, enquanto educadores, não podemos permitir que a arquitetura e a influência da Indústria Cultural se tornem um empecilho em nosso objetivo de ensinar, muito pelo contrário, precisamos usá-la a nosso favor já que a tecnologia está aí e pode ser muito bem usada em prol de novos horizontes se tratando da música e seu uso pedagógico.

É sim possível trazer aos alunos o mundo dos diversos ambientes sonoros, de gravação e produção ruídos, de sons orgânicos, naturais, acústicos ou até mesmo digitais, e entrelaçar isto ao fazer pedagógico, tornar prazeroso aprender sobre música, mas isso demanda tempo, dedicação e organização.

Assim sendo, acredito e espero que este estudo possa servir como referência para quem sabe uma futura pesquisa mais aprofundada sobre o uso da música nas escolas da cidade de Lavras, tanto das privadas quanto as públicas. Levantar tais dados, demandaria mais tempo e mais referências teóricas para tal, é claro, mas seria de suma importância para analisar e conhecer melhor a realidade do uso de música no fazer pedagógico das escolas da cidade, podendo gerar melhores discussões e problematizações específicas.

## **Referências Bibliográficas:**

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição**. In: Os Pensadores – Theodor W. Adorno. Textos Escolhidos. Tradução de Luiz João Baraúna, revista por João Marcos Coelho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL, M. E. D. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998 volume 3.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC\\_C\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf). Acesso em: 29 de agosto de 2020.

PEIXOTO, Valéria Ribeiro. Carta aos regentes corais. In FUNARTE (Org.). **Educação musical: textos de apoio**. 1988, p. 43-44.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1991.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TACUCHIAN, Ricardo. A música na educação como processo. In PEREIRA, Maria de Lourdes Mader (Orga.). **A arte como processo na educação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação**. Tradução ANTONIO A.S. ZUIN. CAMPINAS: ED. UNICAMP. 2010.